

CRISE ESTRUTURAL DO SISTEMA CAPITALISTA: ALGUMAS PONDERAÇÕES

Layslândia de Souza Santos¹

Lailton de Souza Santos²

Antonio Nascimento da Silva³

José Deribaldo Gomes dos Santos⁴

Resumo: Esta pesquisa doravante exposta aborda as características que tornam a crise um problema estrutural da nossa sociedade. Explicamos o que é a crise estrutural do capital e como esta se manifesta. Este estudo torna-se importante mediante a necessária compreensão do processo social contemporâneo, assim, é preciso entender o fenômeno da crise e como este se relaciona com os demais complexos. O referido trabalho tem caráter bibliográfico com pesquisa empírica. Para realizarmos a presente investigação, utilizamos como referencial teórico metodológico o materialismo histórico-dialético que nos dá a possibilidade de analisar os fatos para além da aparência fenomênica da realidade. Concluímos falando sobre a tríade de sustentação do sistema em crise: o pensamento pós-moderno, a globalização e o neoliberalismo. Salientamos que os apontamentos aqui dissertados são ponderações iniciais a respeito do processo de crise estrutural do sistema.

Palavras-chave: Crise, Sistema, Sociedade.

1. Introdução

Abordamos a crise do sistema que, como aponta Mézaros (2002), apresenta uma novidade em relação às anteriores, pois é estrutural e sistêmica; esta estaria atingindo a estrutura mais profunda da ordem social. Assim, o capital agrava ainda mais os problemas da humanidade e é impossível compreender o processo social sem entender, primeiramente, as

1 Faculdade de Educação de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) – Universidade Estadual do Ceará (UECE) – Laboratório de Pesquisas Sobre Políticas Sociais do Sertão Central (Lapps); O Grupo de Pesquisa, Trabalho, Educação, Estética e Sociedade (GPTREES) E-MAIL: sousalays7@gmail.com.

2 Faculdade de Educação de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) – Universidade Estadual do Ceará (UECE) – Laboratório de Pesquisas Sobre Políticas Sociais do Sertão Central (Lapps) – Grupo de Pesquisa, Trabalho, Educação, Estética e Sociedade (GPTREES) E-MAIL: lailton.santos@aluno.uece.br.

3 Faculdade de Educação de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) – Universidade Estadual do Ceará (UECE) – Laboratório de Pesquisas Sobre Políticas Sociais do Sertão Central (Lapps) ; Grupo de Pesquisa, Trabalho, Educação, Estética e Sociedade (GPTREES) E-MAIL: antonio.nas.silva@gmail.com.

4 Faculdade de Educação de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) – Universidade Estadual do Ceará (UECE) – Laboratório de Pesquisas Sobre Políticas Sociais do Sertão Central (Lapps) - Grupo de Pesquisa, Trabalho, Educação, Estética e Sociedade (GPTREES) E-MAIL: deribaldo.santos@uece.br.

raízes deste fenômeno. As consequências da crise não se limitam apenas a esfera econômica, uma vez que abrange todas as categorias da sociedade, afetando o mundo das ideias, dos valores e de todas as relações sociais.

Destacamos o tripé de sustentação deste atual modelo econômico, político e social, que são o Neoliberalismo, a Globalização e o pensamento Pós-Moderno. Como já afirmamos anteriormente, esta crise afeta a totalidade dos complexos sociais, uma vez que, como afirma Mészáros (2009), as contradições que surgem a partir das disparidades causadas pela crise deixam transparecer que o capitalismo não consegue separar o “avanço” da destruição e nem o “progresso” do desperdício. O capitalismo coloca todas as atividades humanas juntamente com suas aspirações ao seu dispor, objetivando a expansão do capital a qualquer custo. Neste trabalho dialogamos com Itsván Mészáros e alguns de seus interpretes, em especial Santos e Costa (2012), Santos (2016), entre outros autores.

2. Metodologia

Para realizarmos a presente investigação, utilizamos como referencial teórico metodológico o materialismo histórico-dialético, que busca estabelecer uma relação entre sujeito-objeto, aparência e essência, o todo e as partes, as quais se encontram em constante movimento e são ambos os elementos constitutivos de uma mesma realidade.

Para Karl Marx, o objeto da pesquisa tem existência objetiva, independentemente do sujeito, sendo que a sociedade burguesa é este objeto. Assim, o objetivo do pesquisador, que vai além da aparência fenomênica, é apreender a essência do objeto. “Numa palavra: o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto” (NETO, 2011, p. 21-22).

3. Resultados e discussões

A falta de estabilidade no modo de produção capitalista acarreta crises constantes; estamos vivenciando uma das maiores crises da história, crise que se disseminou nos mais diversos setores da sociedade. Neste contexto, o capitalismo e o capital não conseguem mais disfarçar tal crise, embora utilizem as mais diversas artimanhas possíveis. Para Mészáros (2011), a atual crise que enfrentamos é estrutural e sistêmica, própria do capitalismo, sistema que se encontra com seus próprios problemas, pois o capital não consegue mais se expandir.

Pode-se afirmar que, atualmente, o capitalismo não pode separar avanço de destruição, muito menos progresso de desperdício.

Diferentemente das diversas crises cíclicas do passado, o capitalismo enfrenta atualmente uma crise de caráter estrutural, crise esta com proporções globais e níveis de intensidade nunca vistos na história e, assim, com consequências fortíssimas para a humanidade. Antunes (2011), na introdução do livro “Crise Estrutural do Capital”, afirma que Mészáros indicava que o capitalismo adentraria em uma fase inédita, de crise estrutural, marcada por um *continuum* depressivo, a qual se mostrava longa e duradoura, sistêmica e estrutural.

Antunes (2011, p. 11) explica que o capitalismo é expansionista na busca crescente e desmedida de mais-valor, é destrutivo porque seu processo é pautado pela superfluidade e descartabilidade, tornando-se, assim, um sistema incontrolável. Depois de várias crises cíclicas, esta que se instaurou é uma crise endêmica, cumulativa, crônica e permanente, como explica (MÉSZÁROS, 1995, P. 129):

[...] o que caracteriza a crise de nosso tempo são as precipitações de variada intensidade, tendentes a um *continuum* depressivo. Recentemente começávamos a falar de uma recessão de mergulho duplo. O que estou dizendo é que essa tendência para um *continuum* depressivo, em que uma recessão segue a outra, não é uma condição que pode ser mantida indefinidamente, porque afinal ela reativa violentamente as explosivas contradições internas do capital e existem também certos limites absolutos a considerar nesse aspecto. Diante de tantos problemas surgidos com a crise do capital, a globalização e o neoliberalismo são propagados como solução para os problemas da sociedade, em especial chamados países periféricos. A globalização se apresenta como solução à mundialização do capital, intencionando solucionar os problemas sociais da contemporaneidade, especialmente nos países pobres. Já o neoliberalismo intenciona minimizar a influência do Estado na economia, mas não consegue amenizar os índices de miséria que assolam o mundo (SANTOS; COSTA, 2012).

Diante de tantos problemas surgidos com a crise do capital, a globalização e o neoliberalismo são propagados como solução para os problemas da sociedade, em especial chamados países periféricos. A globalização se apresenta como solução à mundialização do capital, intencionando solucionar os problemas sociais da contemporaneidade, especialmente nos países pobres. Já o neoliberalismo intenciona minimizar a influência do Estado na economia, mas não consegue amenizar os índices de miséria que assolam o mundo. (SANTOS; COSTA, 2012).

Santos (2016), ao dialogar com Mészáros (2008), conclui que a globalização do capital

não tem como resolver os problemas atuais, visto que é da natureza do capital as irreconciliáveis e antagônicas contradições manifestas, sobretudo, no estágio de crise estrutural global do sistema. Mészáros (2008, p. 761) afirma que a “própria globalização capitalista é uma manifestação contraditória dessa crise, tentando subverter a relação causa/efeito, na vã tentativa de curar alguns efeitos negativos mediante outros efeitos ilusoriamente desejáveis, porque é estruturalmente incapaz de se dirigir às suas causas”.

Os prejuízos que tomam o capital são divididos para todos, porém os benefícios são, em sua maioria, restritos a uma determinada classe que, obviamente, não é a do proletariado.

Assim, entendemos que a chamada globalização existe de fato, mas com benefícios somente para aqueles que podem usufruir de suas vantagens.

Santos (2016) acrescenta que um aspecto fundamental da relação que a globalização mantém com o atual quadro de crise diz respeito a uma maior circulação de dinheiro. Existe uma maior movimentação de grande soma de capital que, através das facilidades encontradas pelo sistema financeiro, movimenta mais facilmente um elevado montante de dinheiro por intermédio das bolsas de valores espalhadas pelo mundo. “Isso permite a entrada, bem como a saída mais rápida de enormes quantidades de capitais, geralmente fictícios, em diversos países” (SANTOS, 2016, p. 8).

O neoliberalismo, por sua vez, de acordo com Santos, Costa (2012), vem conseguindo uma vitória espantosa no plano ideológico, pois vem conquistando governos, sendo que a crise econômica não enfraquece o neoliberalismo como expressão dos interesses burgueses hegemônicos. Mesmo assim, segundo Santos (2016), esse chamado neoliberalismo não funciona como pensam os “míopes analistas da hora”, ou seja, com o esvaziamento da força estatal que, supostamente, se abasteceria para deixar livre a competição do mercado capitalista; o que em essência acontece é a formação de um Estado maior do que nunca para proteger, com todos seus recursos, os empresários e suas propostas capitalistas.

Quando aprofundamos o exame iluminando-o com a onto- metodologia marxista, percebemos que o contexto pós 1970 exige que o Estado acione seus mecanismos para funcionar como o grande gerente (agora, chamado pomposamente de gestor) da crise. Ele que antes era o “provedor”, agora, pretende fiscalizar, monitorar e proteger o grande capital para que o mercado competidor possa agir desembaraçadamente (SANTOS, 2016, p. 11).

O neoliberalismo surge, então, como uma nova ordem econômica, uma resposta da classe dominante amparada pela ideologia burguesa conservadora. Paniago diz que o

neoliberalismo:

[...]apresenta-se como um conjunto de medidas políticas, econômicas e sociais que visam tirar o capitalismo da crise e criar as condições necessárias para a recuperação da lucratividade da ordem global do capital. Essas mesmas medidas realizam objetivos diversos, a depender de quais interesses de classe procuram proteger. De um lado, observa-se uma série de medidas voltadas para a recuperação do lucro dos capitalistas, e de outro, como a contrapartida necessária à situação de crise da lucratividade, imposições restritivas e autoritárias sobre a classe trabalhadora, cujo resultado é a degradação da sua qualidade de vida e de trabalho (PANIAGO, 2012,p. 2).

Assim como afirmam Netto e Braz (2008, p. 227), o real objetivo do capital monopolista não é a diminuição do Estado, mas sim a diminuição das funções estatais coesivas, precisamente aquelas que respondem à satisfação dos direitos sociais. Ao se proclamar a necessidade de um Estado Mínimo, pretende-se, na verdade, um Estado mínimo para o trabalho e máximo para o capital.

Santos, Costa (2012) explicam que o recuo do neoliberalismo implica numa derrota da burguesia, pois ele surge como uma necessidade da crise capitalista. A alternativa para o Neoliberalismo seria o rompimento das forças de trabalho com o horizonte ideológico burguês, e isso implicaria numa alternativa à própria lógica do capital.

Entretanto, Santos (2016, p. 10) afirma:

[...] a globalização e o neoliberalismo não são as principais responsáveis pelos problemas atuais, como passou a ser costume nas análises da ciência política contemporânea – em alguns casos alinhadas com a esquerda –, mas, são características de uma crise sem precedente na história do capitalismo. Para uma mais aproximada designação dessas duas categorias, melhor seria expressá-las pelo binômio global-neoliberal, visto que atuam articuladas, são constituições do próprio capital em crise profunda, tentando recuperar suas perdas, ou parte delas.

Assim, de acordo com Santos, Costa (2012, p. 25), cabe ao neoliberalismo “propor uma nova leitura político-econômica da realidade”, cuja adequação ao capital tentaria melhor responder à falência das políticas totalizantes do Estado de Bem-Estar Social operacionalizadas pelo keynesianismo, que abriria agora uma total liberdade para que o público fosse invadido pela iniciativa privada. Aos governos neoliberais competiria “operacionalizar as políticas focalistas, parcelizadas, contingencialistas e particularistas” (SANTOS, 2016, p. 13).

O capitalismo busca diversas formas para mascarar a crise econômica e, além de usar a globalização e o neoliberalismo como estratégia, ele sustenta, também, a teoria cunhada pelo pensamento pós-moderno, que se encaixa “com rara precisão às necessidades do capital em

crise” (SANTOS, 2016, p. 13). Santos, Costa (2012, p. 20) explicam apoiados nas teorizações de Rouanet (1999), que os autores pós-modernos “anunciam o reino do fragmento, contra a totalização, do descontínuo e do múltiplo, contra a teleologia das grandes narrativas e o terrorismo das grandes sínteses”.

A matriz teórica da pós-modernidade está ancorada na crítica contra a própria razão e contesta a modernidade, apresentada pelo pensamento Nietzscheano. Rouanet soma a Nietzsche, além de Heidegger, os nomes dos intelectuais Derrida e Foucault. Os quatro seriam os profetas maiores da pós-modernidade (ROUANET, 1999 *apud* SANTOS; COSTA 2012, p. 20)

Santos (2016) considera o pensamento pós-moderno o terceiro vértice da “trindade capitalista hodierna”, completando, ao lado do neoliberalismo e da globalização, o atual nível de crise e desventura do capitalismo contemporâneo. Para o autor, o pensamento pós-moderno possibilita a crença de que o que os oprimidos podem fazer é se organizar individualmente, cada um por sua causa, cada um por sua luta individual. “Os teóricos pós-modernos apresentam velhos conteúdos em vestimentas multicoloridas, cheias de bricolagens e repletas de sedução discursiva em favor das singularidades, suportado, por seu turno, por um antiuniversalismo desvairado” (SANTOS, 2016, p. 13-14).

Santos, Costa (2012), ao dialogarem com Rouanet (1999), salientam que, na esfera estética e nas manifestações artísticas como um todo, a teoria pós-moderna tem sua expressão mais aguda, tanto que o termo pós-modernismo apareceu pela primeira vez na literatura, em uma antologia poética Hispano-Americana de Frederico Onís, em 1934. A teoria pós-moderna recebe muitas críticas enquanto teoria, uma vez que, para a autora Marilena Chauí, existe no pensamento pós-moderno uma crise de valores éticos e morais:

O sentimento dessa crise se expressa na linguagem cotidiana, quando se lamenta o desaparecimento do dever-ser, de decoro e da compostura nos comportamentos dos indivíduos e na vida política, ao mesmo tempo em que os que assim julgam manifestam na sua própria desorientação em face de normas e regras de conduta cujo sentido parece ter se tornado opaco (CHAUÍ, 1992, p. 345).

Depois destas breves considerações a respeito do tripé de sustentação do sistema, faz-se necessário mais algumas considerações referentes a Crise. Antunes (2002) exemplifica as suas principais características: (1) queda da taxa de lucros, que é ocasionada, entre outros fatores, pelo acréscimo do preço da força de trabalho; (2) esgotamento do padrão de acumulação taylorista-fordista de produção que, na verdade, era a expressão mais fenomênica da crise estrutural do capital e que foi causada pela incapacidade de resposta desse modelo a retração do consumo que se acentuou; (3) hipertrofia da esfera financeira que, ao começar a

ganhar autonomia relativa perante os meios de produção industriais, também é expressão da própria crise, que se daria graças às fusões entre as empresas oligopolistas; (4) maior concentração de capitais; (5) crise do estado de bem-estar social e dos seus mecanismos de funcionamento; e, (6) incremento acentuado de privatizações, sendo essa uma tendência seguidora do caminho generalizado das desregulamentações e flexibilizações do processo produtivo dos mercados e da força de trabalho (SANTOS; COSTA, 2012).

Mészáros (2009, p. 54-55) lista cinco pontos que mostram a contradição e o problema mais explosivo no que se refere à relação de dominação que o capital tem sobre o controle social, dentre eles temos:

1 – A progressiva vulnerabilidade da organização industrial contemporânea quando comparada à organização do século XIX; 2 – A inter-relação econômica dos vários ramos da indústria, como um sistema estreitamente ajustado de partes interdependentes, com o imperativo crescente de assegurar a continuidade da produção no sistema como um todo; 3 – O montante crescente de “tempo socialmente supérfluo”, habitualmente denominado “lazer”, torna cada vez mais absurdo, e mesmo impossível na prática, manter um amplo segmento da população em estado de apática ignorância, divorciado de suas próprias capacidades intelectuais; 4 – O trabalhador como consumidor ocupa uma posição de crescente importância para a manutenção do curso tranquilo da produção capitalista. Todavia, permanece completamente excluído do controle tanto da produção quanto da distribuição – como se nada houvesse ocorrido na esfera da economia durante o último ou os dois últimos séculos. Trata-se de uma contradição que introduz complicações adicionais no sistema produtivo vigente, baseado numa divisão socialmente estratificada do trabalho; 5 – O efetivo estabelecimento do capitalismo como um sistema mundial economicamente articulado contribui para a erosão e a desintegração das estruturas tradicionais parciais de estratificação e controle social e político historicamente formadas.

Notamos que, a crise é mais profunda e esta para além do que os mais otimistas defensores do *status quo contemporâneo* proclamam.

4 Conclusão

Resumindo a tríade que mascara a crise econômica: a globalização “caberia à responsabilidade de assegurar a condição ideológico-cultural capaz de fazer com que todos os habitantes de uma suposta aldeia global se sintam incluídos no mar de usufrutos dos bens produzidos pelo capitalismo”. O neoliberalismo “é uma resposta à falência das políticas totalizantes do Estado de Bem Estar Social, operacionalizadas pelo Estado Providência, e teria a função de propor uma leitura político-econômica da realidade”. E o pensamento pós-

moderno seria a “expressão maior do irracionalismo do contexto de decadência ideológica da burguesia, lançando as bases teóricas iniciais para o combate ferrenho contra a razão” (SANTOS, 2016, p. 16).

No campo ideológico, esta tríade aparenta êxito, mas na prática a sua funcionalidade não passa de uma tentativa falha de manutenção da ordem social. O capitalismo utiliza as mais diversas maneiras para estabelecer um controle social, tornando, assim, as relações mais estreitas e tensas. Neste sentido, “o capital não poderá, destarte, e hipótese alguma afrouxar seu controle sobre a sociedade” (SANTOS; COSTA, 2012, p. 27)

De acordo com Mészáros (2011), a novidade histórica desta crise se manifesta em quatro aspectos principais: primeiro, ela é uma crise que não é restrita a uma esfera particular, afetando o comércio, a economia, a produção, os governos, ou seja, é uma crise de caráter universal; segundo, ela não é uma crise que afeta somente uma região, um país ou um conjunto particular de países, sendo uma crise de alcance global, isto é, até as economias mais solidificadas estão afetadas; terceiro, não é uma crise temporária, limitada, muito pelo contrário, é extensa e contínua; e, por fim, seu modo de se desdobrar é lento e progressivo.

Os efeitos da crise são vivenciados por todos, mas de forma bem mais ávida pela classe trabalhadora, que sustenta o sistema. A precarização do trabalho, os retrocessos nos direitos sociais das classes, a fragmentação das lutas, o desgaste da natureza, a violência relacionada a questão religiosa, o abandono de nações imigrantes; são apenas reflexos de uma sociedade que precisa urgentemente de uma mudança na sua base mais profunda.

Referências

ANTUNES, Ricardo. MÉSZÁROS, Itsván. **Crise Estrutural do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 9 – 16.

MÉSZÁROS, Itsván. **Para além do capital**. São Paulo/ Campinas: Boitempo/ UNICAMP, 2002.

_____. **A Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2000

_____. **A Crise Estrutural do Capital** (Tradução Francisco Raul Cortejo *et al.*) - 2ed, ver. e ampliada. - São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **O Marxismo Hoje**. Crítica Marxista, São Paulo, v.1, n. 2, p.129-137, 1995. (Entrevista concedida a Chris Athur e Joseph McCarney).

PANIAGO, Maria Cristina Soares. **Mészáros e a incontrollabilidade do capital**. 2. ed. rev. São Paulo: Instituto LUKÁCS, 2012.

SANTOS, Deribaldo. **Profissionalização Precária, educação e crise estrutural do capital:** crítica a escola reservada ao trabalhador na sociedade contemporânea. Fortaleza: EdUECE, 2016. (No Prelo)

SANTOS, Deribaldo; COSTA, Frederico. **A Crise estrutural do capital:** o verdadeiro mal-estar da contemporaneidade. In: SANTOS, Deribaldo; COSTA, Frederico; JIMENEZ, Susana (Orgs).

Ontologia, estética e crise do capitalismo contemporâneo. Fortaleza/Campina Grande: EdUECE/EdUFCG, 2012.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx.** 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.